



EPIDEMIOLOGIA DA RAIVA E A IMPORTÂNCIA DO CÃO

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

SANTOS; Delcivan Lima dos ¹, SOUZA; Isadora Conceição de ²

RESUMO

INTRODUÇÃO Segundo o Ministério da Saúde, a raiva é uma antroponose transmitida ao homem pela inoculação do vírus presente na saliva e secreções do animal infectado, principalmente pela mordedura. Apresenta letalidade de aproximadamente 100% e alto custo na assistência preventiva às pessoas expostas ao risco de adoecer e morrer. Apesar de ser conhecida desde a antiguidade, continua sendo um problema de saúde pública. O vírus da raiva é neurotrópico e sua ação no sistema nervoso central causa quadro clínico característico de encefalomielite aguda, decorrente da sua replicação viral nos neurônios. Pertence ao gênero *Lyssavirus*, da família *Rhabdoviridae*. Não existe um tratamento específico para a raiva. É realizado um tratamento profilático, quando há uma desconfiança que tenha ocorrido exposição ao vírus. A profilaxia envolve o uso da vacina, do soro específico, antivirais, antibióticos e limpeza da ferida com sabão ou detergente e água corrente, e utilização de etanol ou tintura ou solução aquosa de iodo. Apenas os mamíferos transmitem e adoecem pelo vírus da raiva. No Brasil, o morcego é o principal responsável pela manutenção da cadeia silvestre, enquanto o cão, em alguns municípios, continua sendo fonte de infecção importante. Outros reservatórios silvestres são: macaco, cachorro-do-mato, raposa, gato-do-mato, mão-pelada, guaxinim, entre outros. **OBJETIVOS** Analisar o papel do cão na transmissão da raiva aos seres humanos no ambiente urbano. **REVISÃO** A Raiva é uma doença infecciosa aguda e fatal. É um vírus que percorre o sistema nervoso central e tem uma grande concentração nas salivas. A transmissão da doença pode ocorrer por mordedura, arranhadura ou lambedura. O vírus é introduzido na pele íntegra ou nas mucosas, podendo estar intactas ou não. Atinge mamíferos, como os cães, gatos, ruminantes, equídeos, morcegos, raposas, primatas e o ser humano. Pode levar às vítimas a óbitos em quase 100% dos casos. A transmissão do vírus ocorre principalmente pela saliva de um indivíduo infectado, o período de incubação do vírus da raiva no humano e nos animais é, em média, de 20 a 90 dias, porém, pode permanecer no organismo por mais de um ano. Comportamentos anormais, ansiedade, inquietude, alucinações, que conforme se intensificam podem causar convulsões, parada cardíaca, levando a morte, esses são alguns sinais no homem. Nos animais pode causar, agressividade, o nervo faríngeo pode ficar imobilizado e, com isso, o animal pára de se alimentar e beber água, pode apresentar também latido rouco e produção excessiva de saliva. Vários países da América Latina ainda não conseguiram controlar o ciclo urbano da raiva, no qual o

¹ Médico Veterinário, delcivan.lima18@outlook.com

² Médico Veterinário, isa.souza7@hotmail.com

cão é o principal transmissor. Entre esses se encontra o Brasil. O Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR) foi criado no Brasil em 1973 como um dos programas prioritários da política nacional de saúde. A criação do PNPR permitiu a elaboração e implantação de normas técnicas para o controle da enfermidade, a elaboração de um padrão na produção e controle de imunobiológicos utilizados no controle da raiva e também no abastecimento das Secretarias Estaduais de Saúde. O diagnóstico foi implantado mediante a criação de novos laboratórios e o treinamento de pessoal. Instituiu-se também um sistema de vigilância epidemiológica da raiva. O ciclo urbano da enfermidade continua sendo o mais importante, em que 80% do total de casos humanos foram transmitidos por cães, e o restante, por gatos. O segundo animal na escala de transmissão da raiva às pessoas é o morcego. Devido ao convívio do ser humano com cães e gatos, a raiva felina tem uma relevância epidemiológica em algumas regiões. Em países em desenvolvimento em áreas urbanas o cão é mencionado como o principal da cadeia epidemiológica. O cão tem sido primordial na difusão da raiva, seguido pelos quirópteros hematófagos que precisam de atenção, pois propagam a doença para os herbívoros. O número de gatos raivosos registrados varia de 10 a 20% do número de cães raivosos. Isso sugere que, ao se reduzir o número de cães com raiva, reduz-se proporcionalmente o número de gatos. No período de 1990 a 2009, foram registrados no Brasil 574 casos de raiva humana, nos quais, até 2003, a principal espécie agressora foi o cão. A partir de 2004, o morcego passou a ser o principal transmissor no Brasil. O número de casos humanos em que o cão é fonte de infecção diminuiu significativamente de 50, em 1990, para nenhum, em 2008, e dois no Maranhão, em 2009. As regiões Norte e Nordeste, no período de 1990 a 2009, foram responsáveis por 82% dos casos de raiva humana no Brasil, destacando-se Pará e Rondônia na região Norte; Maranhão, Bahia, Pernambuco, Ceará e Alagoas no Nordeste; e Minas Gerais no Sudeste. Na distribuição dos casos de raiva quanto aos animais transmissores no período de 1990 a 1995, o cão foi o responsável por 71% dos casos, seguido pelo morcego (14%) e pelo gato (5%). Já no período de 1996 a 2001, o cão participou de 81%, enquanto o morcego, o gato e animais silvestres terrestres (sagui e mão-pelada) contribuíram com 5% cada um. Entre 2002 e 2009, o morcego foi responsável por 63,8% dos casos e o cão por 30,2%. **CONCLUSÕES** A raiva humana e canina decresceu consideravelmente no Brasil, apesar do recrudescimento em algumas áreas e o aumento de casos humanos de transmissão por morcegos. A raiva (ciclo urbano) no Brasil localiza-se em algumas áreas específicas principalmente na região Nordeste, que é uma das mais pobres do País. A profilaxia de animais domésticos, seguida do controle de morcegos, constitui uma das formas mais eficientes de controle da raiva.

REFERÊNCIAS Brasil. Ministério da Saúde. Guia de vigilância em saúde. Brasília, 2017. Disponível em: Acesso em: 24 de julho de 2020. Brasil. Ministério da Saúde. Normas técnicas de Profilaxia da Raiva Humana. Brasília, 2014. Acesso em: 26 de julho de 2020. DUARTE, Leila; DRAGO, Maria do Carmo. A Raiva: Virologia. (monografia)-Universidade de Évora de Portugal, 2005. LIMA, Felipe Gouvêa; GAGLIANI, Luiz Henrique. RAIVA: Aspectos Epidemiológicos, Controle e Diagnóstico laboratorial. Revista UNILUS Ensino e Pesquisa. Santos, 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia, mamíferos, letalidade, urbano, zoonose

¹ Médico Veterinário, delcivan.lima18@outlook.com

² Médico Veterinário, isa.souza7@hotmail.com